

[66]

Mistério do “empreendedorismo”

09 – 10 - 99

[Apesar da certeza de que é essencial na economia, o sucesso empreendedor permanece desconhecido]

[Dinâmica empreendedora influencia nível do emprego e é influenciada pela cultura]

Segundo o *Ponto de Vista* de Stephen Kanitz, publicado na revista *Veja* de 22/09, a origem do desemprego está na escassez de administradores de empresas. A prova é que há poucos desempregados em países que lhes dão mais valor, a começar pelos Estados Unidos, onde 19% dos 50 milhões de formados são administradores. O avesso do Brasil, onde apenas 4,5% dos diplomados em universidades públicas têm essa profissão. Como os empresários brasileiros acham melhor treinar seus próprios filhos do que confiar em administradores profissionais, continua-se a aprender a administrar à moda antiga: errando. Em consequência, a maior parte das empresas brasileiras quebra nos primeiros cinco anos.

Acontece que nos Estados Unidos 50% das empresas também quebram nos cinco primeiros anos. Mais do que na Itália, onde só quebram 46% e muito mais do que na Alemanha, onde só quebram 37%. No entanto, as taxas de desemprego destes dois países são altíssimas: 12,2% e 9,4% em 1998. Pode-se supor, então, que essa taxa de mortalidade das empresas tenha menos impacto sobre o nível de emprego do que sua taxa de natalidade. Infelizmente, também para esse lado dá-se com os burros n'água, pois o país recordista na criação de empresas é a Itália, com uma taxa anual de 144 empresas por 10.000 pessoas em idade de trabalhar (entre 16 e 64 anos). Ela é seguida de perto pela França, com 118, bem de longe pela Alemanha, com 55, e com ainda maior distância pelo lanterninha: os Estados Unidos, com apenas 33.

Mais curioso ainda é examinar taxas infra-nacionais de sobrevivência das empresas. Descobrir, por exemplo, que os estados americanos com as mais baixas taxas de sobrevivência de empresas estão justamente entre os mais dinâmicos. Contrariando o senso comum, uma intensa “turbulência” microeconômica pode significar que muitos recursos estão sendo retirados de certos ramos para serem investidos no aproveitamento de novas oportunidades. Exatamente o fenômeno salientado há cerca de sessenta anos por um dos melhores teóricos do crescimento econômico: Joseph Aloïs Schumpeter (1883-1950). Foi só para não dar o braço a torcer que a ortodoxia resolveu agora chamar de “turbulência” aquilo que Schumpeter caracterizou como um processo de “destruição criativa” e de “mutação”, sentindo-se até obrigado a pedir desculpas por fazer uma analogia biológica em vez de física.

O fato é que continua precário o conhecimento científico sobre o fenômeno do empreendedorismo, apesar de existir tanta convicção de que ele é a essência do dinamismo econômico e a certeza de que sua promoção é uma ótima maneira de expandir o emprego. Questões cruciais como a dos efeitos da educação sobre a dinâmica empreendedora continuam sem respostas convincentes. Só que o debate internacional abrange o conteúdo dos currículos de todos os cursos e níveis escolares, em busca das faixas etárias que seriam mais receptivas. Rejeita liminarmente a hipótese de que o sucesso empreendedor possa estar

correlacionado à proporção dos graduados em administração.

Afinal, os sistemas educacionais foram concebidos para formar bons assalariados em vez de preparar os jovens para a perspectiva do auto-emprego. Por isso, não haverá avanço significativo do conhecimento científico sobre o assunto enquanto não for possível realizar uma avaliação sistemática e comparativa das recentes políticas públicas de estímulo à criação de pequenas e médias empresas. Principalmente dos programas mais inteligentes, que amadureceram nos âmbitos local e regional para melhor aproveitar os trunfos territoriais na formação de ambientes inovadores.

Mesmo assim, Stephen Kanitz está coberto de razão ao enfatizar que o nível de emprego é influenciado pelo empreendedorismo e que este é fortemente determinado por fatores culturais. Infelizmente, como se viu, essas relações são bem menos simples do que podem parecer. E, de resto, se o referido *Ponto de Vista* fosse mesmo razoável, um dos principais problemas das sociedades européias (senão o principal) já estaria praticamente solucionado, pois muitos dos países que sofrem de altíssimas e teimosas taxas de desemprego poderiam formar com muita rapidez verdadeiras multidões de administradores. Mesmo que a Espanha demorasse um pouco, o pleno emprego logo poderia voltar à tona em países como a França, Alemanha ou Itália. Em decorrência, a UE poderia desmobilizar seu sofisticado aparato de estudos sobre as diversas razões do desemprego, pois sua unívoca origem já teria sido desvendada. E se tornariam redundantes milhares de pesquisadores especializados no tema. É claro, entretanto, que nada disso poderia ocorrer antes que ficasse muito bem explicadinho porque um significativo contingente dos desempregados europeus é justamente constituído por detentores de excelentes diplomas em administração.

Enfim, é incontestável a necessidade de que as escolas brasileiras formem muito mais administradores do que vêm fazendo. Mas certamente existem argumentos bem melhores para justificar tal proposta do que apelar para a existência de algum “segredo bem escondido da economia americana” que só estaria sendo agora revelado aos leitores da melhor página de *Veja*.